# **RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NA TRANSIÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Francisco de Assis da Costa[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

O presente artigo visa abordar a transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, destacando esse momento como o principal responsável pela quebra no rendimento escolar do aluno, que pode gerar alterações comportamentais de ordem cognitiva, psicológica e emocional. Certamente essas alterações se devem ao fato do aluno enquanto cursava o 5° Ano, ter uma referência da vida escolar, ao passo que ao ingressar no 6° Ano, ele perde essa referência e tudo passa a ser novo para ele. Para se ter maiores esclarecimentos acerca dos desafios experimentados pelos alunos e professores nessa mudança, foram aplicados questionários aos mesmos. A partir daí, sugeriu-se ações pedagógicas objetivando implementá-las no sentido de minimizar os efeitos negativos causados pelos impactos pedagógicos nesse processo de transição. Bem como identificar quais as maiores dificuldades apresentadas nessa passagem. O trabalho mostrou que há uma preocupação por parte dos professores em de alguma maneira encontrar formas de atenuar os problemas surgidos por conta dessa transição.

Palavras- chave: Ensino Fundamental. Desafios. Transição. Aprendizagem.

**SUMMARY**

This article aims to address the transition from Elementary School I to Elementary School II, highlighting this moment as the main responsible for the student's drop in school performance, which can generate cognitive, psychological and emotional behavioral changes. Certainly these changes are due to the fact that the student while studying the 5th Year, to have a reference of the school life, whereas when entering the 6th Year, he loses this reference and everything becomes new for him. In order to have more clarification about the challenges experienced by students and teachers in this change, questionnaires were applied to them. From there, pedagogical actions were suggested to implement them in order to minimize the negative effects in this transition process. As well as identifying the major difficulties presented in this passage. The work showed that there is a concern on the part of the teachers in some way to find ways to mitigate the problems arising from this transition.

Keywords: Elementary School. Challenges. Transition. Learning

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo analisar aspectos do processo pedagógico que são experimentados especialmente por alunos e professores na transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, buscando compreender e esclarecer quais são os impactos pedagógicos mais significativos vivenciados por esses sujeitos envolvidos nesse processo de transição.

A unidade escolar na qual pesquisou-se esse tema, é a Escola de Ensino Fundamental, Valmique Sampaio de Albuquerque, situada no município de Itaitinga, no Ceará. Onde o professor pesquisador atua há 20 (Vinte) anos em sala de aula e por vezes percebeu os efeitos danosos que podem surgir na transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II. Com isso, surgiu a necessidade de realizar um estudo no sentido de sugerir e/ou desenvolver novas práticas pedagógicas para amenizar esses efeitos.

É sabido que toda mudança causa ansiedade, estresse, e uma série de dificuldades na adaptação. As escolas e as famílias precisam ajudar as crianças nessa transição. No 5º Ano, a criança tinha uma única professora que ensinava, explicava uma série de coisas. Essa criança foi aprendendo a ter essa professora como referência. A criança internaliza que a vida escolar vai ser sempre dessa forma, pois ela vem nessa sistemática desde as séries iniciais.

Até o 5º ano do Ensino Fundamental os alunos vivenciam a realidade de apenas uma professora regente principal, com variação apenas de um ou dois professores que entram na turma uma ou duas vezes por semana. Na passagem para o 6º ano, os alunos passam a ter as aulas ministradas em módulos de 50 minutos com um docente para cada disciplina, ou seja, ao invés de uma professora, ela passa a ter 11 ou 12 professores. Esse novo quadro que se apresenta agora para a criança, não foi mencionado antes para ela, o que lhe causa muita estranheza e até desconforto. É, uma mudança muito drástica. É, o começa então de uma nova etapa na trajetória escolar.

Ademais ao ingressar no 6º Ano, aquela relação de afeto, maior proximidade e compreensão estabelecida pela professora polivalente com seus alunos, deixam de existir. Ou seja, esses vínculos afetivos tão comumente presentes no 5º ano onde nota-se uma relação mais direta entre professor e aluno, dá lugar a uma relação mais distanciada e contato menos caloroso.

Pinto nos chama a atenção para a importância da afetividade nas relações humanas:

A afetividade intervém nas operações da inteligência, estimulando-as ou perturbando-as, podendo comprometer o desenvolvimento intelectual. Os mecanismos afetivos e cognitivos permanecem indissociáveis, embora distintos, na medida em que os primeiros dependem de uma energética, e os segundos, de estruturas (PINTO, 2013, p. 3).

A relação de afetividade entre professor e aluno é fundamental e importante no cotidiano das salas de aulas. Essa boa relação interfere de modo positivo no processo de ensino aprendizagem. Obviamente cada professor tem uma forma, uma linguagem e uma metodologia própria para trabalhar os temas de sua disciplina. E, os alunos agora têm uma maior quantidade de tarefas de casa e livros que elas passam a utilizar cotidianamente. É o período onde se constata o maior número de notas baixas, menos lições de casa entregues pelos alunos e um maior número de reprovados.

Aquela criança, agora está passando, vivendo e sentindo mudanças biopsicossocial. Embora, essas mudanças ou nova fase lhe traga certo encantamento, mas são evidentes os reflexos, por vezes carregados de revoltas, impaciência e rebeldia nas atitudes e reações aos estímulos recebidos na convivência grupal. Trazendo assim, dificuldades na relação com os colegas e com o professor. Pois, é nessa fase em que os hormônios atuam de forma marcante. É, a entrada numa nova fase da vida que recebe uma roupagem denominada pré-adolescência.

**OS DESAFIOS E EXPECTATIVAS DE UMA NOVA FASE ESCOLAR CONCILIADA À CHEGADA DA ADOLESCÊNCIA.**

A criança entra no primeiro ano do ensino fundamental, por volta dos 6 anos e, com mais ou menos 11 anos encontra-se no 6° Ano, idade esta que coincide com a puberdade, ou seja, o início da adolescência. Para Bossa “a adolescência é uma fase singular da vida devido à ocorrência simultânea de um conjunto de mudanças evolutivas na maturação física, no ajustamento psicológico e nas relações sociais.” (BOSSA, 1998, p. 227)

E em se tratando de ajustamento nas relações sociais, esse aluno encontra-se agora justamente inserido no ensino fundamental II, onde muitas vezes faz-se necessário a mudança de escola novos colegas são conhecidos, a rotina escolar é outra. Por exemplo, com aulas de 50 minutos envolvendo diferentes professores. Parece que, num piscar de olhos, a criança tem que aprender a lidar com todas essas alterações.

Uma das maiores dificuldades para os estudantes nessa fase é a organização. Há o aumento no número de professores, ampliação dos conteúdos curriculares, dos deveres de casa e trabalhos, sem contar que cada professor possui metodologia diferente para ensinar e formas diferentes de se relacionar com os alunos. É evidente que todas essas alterações interferem na vida da criança que começa a frequentar o 6° Ano. Sendo assim, uma ação que poderá ajudar a minimizar esses efeitos seria, ainda no 5° Ano o aluno tomar conhecimento de como usar o horário das aulas, bem como a organização de sua agenda. E, o professor por sua vez, não solicitar muitas tarefas para o mesmo dia. Sem falar que, conversar com os pais sobre a salutar criação de um horário de estudo em casa, é bem significativo.

“Todos esses aspectos relacionados à transição da 4ª para a 5ª série, não encerram a problemática. Antes, torna evidente uma realidade que, muitas vezes, é camuflada ou confundida com outros problemas mais emergentes da escola, sobretudo, a pública” (HAUSER, 2007, p. 20).

Neste período da passagem do 5º para o 6º Ano é visível uma dualidade: os alunos não estão preparados para essas mudanças e os professores e as escolas não estão preparados para receber esses alunos.

Evidencia-se, uma insegurança muito grande desse aluno em relação ao conteúdo e as avaliações. Nesse caso, seria crucial que ao final do 5° Ano, esses alunos fossem apresentados aos novos professores e estes educadores tivessem espaço para explicarem sobre os novos conteúdos e tipos de avaliações. Dessa forma, certamente os alunos se sentiriam menos inseguros quando se iniciasse os novos contatos com seus futuros professores e conteúdos.

Essa transição provoca nos alunos medo e angústias, o que pode explicar os índices de desistência ou repetência no 6º Ano. No entanto, os elementos que marcam a passagem do 5º Ano para o 6º Ano, ficam invisíveis em meio ao turbilhão de acontecimentos que ocorrem cotidianamente nas escolas.

A criança se depara com um novo espaço e precisa se adaptar a ele em um momento de sua vida no qual as questões emocionais são agravadas pelas questões biológicas (crescimento) e sociais (cobrança em casa frente a nova fase de escolaridade).

Na escola o que se percebe no 6° Ano é a falta de laço afetivo entre professor e aluno. Por isso:

[...] se faz necessário que os (as) educadores (as) se envolvam com o firme compromisso de auxiliar na formação salutar dos educandos, no sentido de equacionar as dificuldades do cotidiano escolar. Neste intuito urge a necessidade do desenvolvimento de técnicas ou meios que proporcionem a aprendizagem real e auxiliem a construção de uma personalidade equilibrada, diminuindo assim os índices de evasão e repetência. (GUSMÃO, 2001, p.13)

No contexto social, a entrada do aluno no 6º Ano representa crescimento, a conquista de nova identidade. Mas também promove o medo do desconhecido e evidencia a ruptura entre os dois segmentos. Essa constatação levou Maria Helena Galvao Frem Dias-da-Silva a intitular o livro no qual apresenta resultados da pesquisa que fez sobre o assunto de “Passagem sem Rito: as 5ª séries e seus professores”.

Sendo assim, vale ressaltar a importância da argumentação caracterizada por Dias da Silva:

Quinta série é passagem. Porém, passagem sem rito... Parece que há apenas alertas sobre a transição, mas não há qualquer preparação prévia – quer para alunos, quer para professores. Passagem que se desnuda nos diferentes saberes e fazeres implicados no cotidiano de professoras “primárias” e “secundárias”, da 4ª e da 5ª séries. Passagem sem ponte. Mais ruptura que continuidade... (DIAS DA SILVA, 1997, p. 126).

Diante de todos os aspectos elencados sobre o tema leva a proposição do entendimento do momento vivido pelo aluno, o repensar do processo do ensinar. Realizar as devidas adaptações e articulações necessárias com um olhar pedagógico diferenciado e respeitando o processo de transição certamente evitaremos uma ruptura nesse processo.

**METODOLOGIA DO PROCESSO INVESTIGATIVO**

Com o objetivo de analisar e compreender a partir da percepção dos alunos e dos professores os efeitos danosos na aprendizagem do aluno, que por vezes podem surgirem na transição desse aluno do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, procuramos investigar essa situação através de uma pesquisa de campo capturando informações dos próprios alunos de 6º Ano usando um questionário contendo questões abertas e fechadas. Bem como, aplicamos também um questionário aos professores que lecionam no 6° Ano. Dessa forma intencionávamos, favorecer uma maior reflexão acerca do tema abordado por parte dos sujeitos pesquisados.

O objetivo geral nos orientou a optar pelo paradigma qualitativo nessa pesquisa social como referencial metodológico da investigação. Por entendermos que esse modelo é o que mais se adequa a esse tipo de estudo social.

No presente ensaio utilizamos uma metodologia que envolve aspectos de caráter qualitativo descritivo, já que os instrumentos de coleta de dados assim estabelecem.

A razão primeira pela escolha dessa metodologia, a nosso ver, dar-se pelo fato de ser a que melhor se adequa a análise e interpretação das falas dos sujeitos pesquisados. Uma vez que a análise qualitativa possibilitará aos sujeitos pesquisados uma maior visibilidade no que se refere ao tema abordado.

Conforme, ressalta Ferreira (2002):

Além dos métodos quantitativos, já bem sistematizados e aceitos pela comunidade de cientistas, os métodos qualitativos passam a ser cada vez mais desenvolvidos, principalmente no campo da psicologia social e da educação (FERREIRA, 2002, p. 248).

Dessa forma, os dados foram coletados, tratados e analisados, descrevendo questões relacionadas a essa transição bem como foram feitas sugestões a partir da análise do dados, sobre as ações pedagógicas a serem implementadas no sentido de minimizar os efeitos e suas influências negativas no processo de ensino aprendizagem dos alunos do 6º Ano por ocasião da transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II.

Nessa linha de pensamento, Demo afirma:

Alguns entendem por pesquisa o trabalho de coletar dados, sistematizá-los e, a partir daí, fazer uma descrição da realidade. Outros se fixam no patamar teórico e entendem por pesquisa o estudo e a produção de quadros teóricos de referência, que estariam na origem da explicação da realidade. Descrever restringe-se a constatar o que existe. Explicar corresponde a desvendar por que existe. Outros mais acreditam que pesquisar inclui teoria e prática, porque compreender a realidade e nela intervir formam um todo só, tornando-se vício oportunista ficar apenas na constatação descritiva, ou apenas na especulação teórica. (DEMO, 1995, p.11).

Destarte, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário que foi dividido em duas partes a serem analisadas. Foram consultadas também, as pastas escolares e fichas de matrículas dos referidos alunos.

Um projeto de pesquisa consiste basicamente na formulação clara da questão (ou questões) que se pretende investigar e na descrição da maneira pela qual se planeja respondê-la, acompanhadas de uma argumentação que destaque a relevância do estudo e a adequação da estratégia proposta (ALVES, 1991, p.56).

Como dissermos anteriormente, elegemos a abordagem qualitativa por considerarmos ser a que mais se ajusta aos nossos objetivos. Dessa maneira, procuramos nos aprofundar como nos propõe Minayo (2002), no mundo dos significados do nosso objeto de pesquisa.

Existe um universo da realidade que não pode ser mensurado, quantificado. Qual seja, o universo dos valores, das crenças, das aspirações. Pois estes, correspondem a um nível muito profundo das relações humanas, dos processos e dos fenômenos, não podendo simplesmente serem quantificados. Dessa forma, a pesquisa qualitativa que busca solucionar esses questionamentos, preenche essa lacuna.

Sendo assim, uma abordagem qualitativa de um tema de pesquisa social dar importância a tudo que é exteriorizado pelos sujeitos, ou seja, seus sentimentos, emoções, pensamentos. Desde que os mesmos sejam revelados. Uma abordagem dessa natureza, faz com que participantes livres se expressem livremente.

A compreensão do significado das ações requer a adoção pelo pesquisador de uma abordagem hermenêutica. Obtêm-se uma interpretação significativa mediante um processo de movimento constante entre as partes e o todo, em que não há um ponto absoluto de partida nem de chegada (SANTOS FILHO, GAMBOA, 2002, p.43).

Como método para que o estudo de caso, acontecesse. Optamos pelo questionário, porque acreditamos ser o mais adequado para obter a visão do aluno do 6º Ano sobre essa nova fase educacional em sua vida. E, possibilitando também ao educador nortear o caminho na busca das respostas sobre a importância das ações pedagógicas mais adequadas a serem implementadas nessa transição para o desenvolvimento satisfatório da aprendizagem desses alunos.

## **DESCRIÇÃO DO LOCAL DA PESQUISA**

No desenvolvimento do nosso trabalho, fizemos uma pesquisa (estudo de caso) na qual participaram 112 alunos, todos devidamente matriculados e frequentando os 6ºs Anos (A, B e C) do Ensino Fundamental II na Escola Municipal Valmique Sampaio de Albuquerque, localizada no Centro de Itaitinga, na Região Metropolitana de Fortaleza, no Ceará.

Essa escola por ser muito bem-conceituada no município pelas famílias, geralmente recebe alunos de outras escolas, em especial alunos que desejam concluir o Ensino Fundamental II. Vale ressaltar, que esses alunos vindos de bairros vizinhos e outros locais mais distantes, não apresentam características diferentes em relação aos alunos que cursam todo o Ensino Fundamental I e II na referida escola, que mereçam serem pontuadas.

Os alunos pesquisados têm um único intervalo de vinte minutos. Eles usam esse tempo para lanchar, circularem pelo pátio e corredores da escola, interagir com outros colegas. Já que a escola é de grande porte e por isso concentra estudantes nas seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Fundamental II, Educação para Jovens e Adultos – EJA e Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Quanto às avaliações, os alunos são submetidos aos exames parciais individuais e em equipes mensalmente. Sendo que as avaliações bimestrais são elaboradas, aplicadas e corrigidas pelos professores de cada disciplina.

A cada dois meses são realizadas também provas através do Sistema de Avaliação de Desempenho de Itaitinga – SIADI. É uma espécie de avaliação externa, onde a Secretaria Municipal de Educação através de seus técnicos contrata uma empresa especializada que elabora e aplica as provas no Fundamental I e Fundamental II. São três dias de avaliações. No primeiro dia são aplicadas as provas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Matemática e Ciências são trabalhadas no segundo dia. E, por fim são exigidos dos alunos conhecimentos nas disciplinas de História e Geografia.

A escola na qual fizemos a pesquisa é considerada pela Secretaria Municipal de Educação, como uma escola de grande porte, haja vista, ser a maior escola do município com uma área de 6.372m2, (Seis mil trezentos e setenta e dois) metros quadrados contando com 29(Vinte e nove) salas; 06(Seis) banheiros; secretaria, auditório, sala para professores, biblioteca e um total de 966 (Novecentos e sessenta e seis) alunos. A estrutura física é boa e as salas são arejadas e limpas. O pátio é amplo e tem uma quadra coberta. A escola também tem um bom acervo de material didático e outros (tv e vídeo, rádio, sala de informática e multimídia).

Segundo a direção da escola, a comunidade sempre que é convidada a participar das atividades a realizar-se na escola, comparece. O Conselho escolar é muito atuante no desempenho de suas funções auxiliando a gestão escolar na tomada das melhores atitudes e decisões.

A comunidade escolar é composta por: alunos, professores, diretor, coordenadores, funcionários administrativos, funcionários de serviços gerais (vigias, limpeza, cozinha, portaria, contínuos) e familiares.

O grupo de professores têm uma carga horária de 40 (quarenta) horas semanais, sendo que 08 (oito) horas são destinadas ao planejamento e estudos na própria escola e mais 04 (quatro) horas com planejamento domiciliar. Ou seja, os docentes têm total e exclusiva dedicação somente a esta unidade de ensino.

## **COLETA DE DADOS**

Inicialmente elaboramos o Projeto de Pesquisa, que foi encaminhado à Direção da Escola. Ao obtermos a aprovação do projeto e consentimento para a realização do mesmo, conversamos com os professores dos 6° anos sobre esse trabalho.

Fizemos a coleta de dados num período de 08 (oito) meses, compreendendo agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2016. Janeiro, fevereiro e março de 2017.

Por tratar-se de uma pesquisa envolvendo seres humanos, ainda que a mesma não oferecesse nenhum tipo de risco ou ameaça a ética, a moral e a integridade física dos participantes da pesquisa. Tivemos o cuidado de cumprir todos os preceitos legais exigidos pela legislação, ou seja, levando em conta os princípios morais e éticos, tendo como respaldo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

O instrumento usado para geração de dados nessa pesquisa foi elaborado com dez questões dos tipos abertas e fechadas. Tendo-se o cuidado de em sua elaboração procurar evitar questões dúbias e primar pela objetividade do questionário com todos os devidos esclarecimentos. Consultamos também as pastas escolares e as fichas de matrículas dos referidos alunos.

Conforme, (Silva e Menezes, 2000, p. 33-34), os questionários:

[...] devem ser respondidos por escrito pelo informante. O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento. As perguntas do questionário podem ser: abertas: “Qual é a sua opinião?”, fechadas: duas escolhas: Sim ou não; de múltiplas escolhas: fechadas com uma série de respostas possíveis (SILVA; MENEZES, 2000, p. 33-34).

A aplicação do instrumento com os alunos se deu em suas salas de aulas pelo professor pesquisador com o consentimento e presença do professor que ministrava aula na ocasião. Aos alunos, foram feitos os devidos esclarecimentos acerca do objetivo geral da pesquisa, bem como de que os mesmos não seriam obrigados a participarem da mesma, e que se assim desejassem, isso não traria nenhum tipo de prejuízo para eles, como por exemplo, serem prejudicados em suas provas, trabalhos ou qualquer espécie de avaliação. No entanto, seria de grande valia para o trabalho do professor pesquisador se eles (alunos) participassem da pesquisa, dando essa valiosa contribuição para o desenvolvimento da temática em questão.

Foi salientado também que tanto o responsável pelo preenchimento de cada questionário quanto às informações ali coletadas teria caráter sigiloso e permanecerão em total anonimato. Todos os alunos sem exceção se manifestaram a favor da participação

Antes do preenchimento do questionário, o professor pesquisador fez a leitura de cada questão, dando um intervalo de tempo suficiente para que os alunos respondessem. Tomou-se o devido cuidado de perguntar aos alunos se os mesmos se sentiam aptos e preparados para responder cada questão. Obtendo-se resposta afirmativa, deu-se prosseguimento aos trabalhos.

Intencionalmente, deixamos os alunos bem à vontade e procurando fazê-los se sentirem valorizados em participar dessa pesquisa. Para tanto, mesclamos o questionário. Uma vez que as questões abertas dá essa condição aos respondentes do questionário de se sentirem mais livres para expressarem suas opiniões.

## **ANÁLISE DE DADOS**

Se utilizando da técnica da análise temática de conteúdo, buscamos analisar os dados suscitados em nosso trabalho de estudo de caso. Minayo (2002), ressalta que numa análise de conteúdo, o pesquisador terá condições de analisar os questionamentos e descobrir “[...] o que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. (MINAYO, 2002. p. 74).

Para Bardin (1997), a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadoras (quantitativas ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1997, p.42).

Ainda, em Bardin (1997, p. 103), “a codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto”.

Após o levantamento dos dados, realizamos uma breve análise buscando entender as possíveis causas e implicações no processo de ensino e aprendizagem nos alunos de 6° Ano, por ocasião dessa mudança do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, que coincide com a entrada desse aluno na adolescência.

No momento de interpretarmos a fala dos sujeitos, procuramos fazê-lo de forma a não interferirmos no conteúdo manifesto que não estivesse ancorado nos objetivos da pesquisa e no que foi emitido através das colocações, manifestações, fala e comunicação.

Segundo, Franco (2003):

Quanto ao conteúdo de uma comunicação, a fala humana é tão rica que permite infinitas extrapolações e valiosas interpretações. Mas, é dela que se deve partir (tal como manifestada) e não falar “por meio dela”, para evitar a possível condição de efetuar uma análise baseada, apenas, em um exercício equivocado e que pode redundar na situação de uma mera projeção subjetiva

(FRANCO, 2003, p. 27).

No desenvolvimento das questões abertas com enfoque especifico na relação professor aluno como fator preponderante na aprendizagem do aluno, levando-se em conta as experiências positivas anteriormente vivenciadas pelos alunos no 5° Ano e as experimentadas no 6° Ano, que interferiram no processo de ensino e aprendizagem desses alunos. Verificamos, que dentre os diversos fatores que se apresentam nessa transição, três deles em especial são notórios, para que sejam usados, como verdadeiros antídotos minimizando os efeitos danosos causados na nova fase educacional desse aluno. Quais sejam: *o diálogo, a afetividade e o respeito*.

Pelo que foi externado pelos alunos, verificamos que se existe afetividade entre professor-aluno o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma mais espontânea, assim como o mesmo fica prejudicado se houver antipatia do aluno com o professor. Ou seja, o afeto na dose certa é salutar nesse processo.

[..] afetividade não me assusta, eu não tenho medo de expressa-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa pratica especifica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre **seriedade docente e afetividade**. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetivos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (FREIRE, 1996 p.141).

Fundamentalmente é imprescindível que o professor crie condições que gere entre ele e o aluno laços fortes de afeto, respeito e diálogo. Dessa maneira, o aluno sente-se mais valorizado e consequentemente sentir-se-á parte importante integrante no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo com o mesmo e construindo sua autonomia.

Como pratica estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a pratica educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1996, p.146)

Constata-se que quando o aluno estava no 5° Ano, ele era visto como criança e em assim sendo, recebia uma atenção mais maternal recheada de afeto. Ao passo que ingressando no 6° Ano, ele deixa de ser visto como criança por seus professores. Aqueles laços afetivos ficaram no passado e a partir de agora o que mais se valoriza é seu desempenho intelectual e manifestação da capacidade em administrar os novos desafios nessa empreitada escolar.

Ao analisar os processos de desenvolvimento mental da criança, Piaget afirma que a inteligência e a afetividade são indissociáveis. Caminhando em direção a estruturas de funcionamento integrado a criança reiventa o mundo e desenvolve a inteligência e a afetividade por meio da construção do próprio conhecimento. (WADSWORTH, 1997, p.165).

Nesse sentido, para que os educando despertem é fundamental que primeiramente o educador desperte e se conscientize de que é um mediador de conhecimentos, sendo necessário respeitar e escutar o seu educando, fazendo-o entender que ele é importante, deixando-o a vontade para expor suas ideias e questionamentos sem medos ou preconceitos, valorizando os conhecimentos adquiridos também fora da sala de aula. Sabemos que conviver não é fácil, e que, não se nasce com boas maneiras, simplesmente se aprende e adquiri a todo instante e em todos os lugares.

Naturalmente os estudantes do 6° Ano se vê num clima de muitas mudanças, incertezas, questionamentos e acontecimentos. Quiçá uma maneira de enfrentar essa problemática seria o professor adequar a atividades em sala às possibilidades do aluno, municiando-o de elementos que o torne capaz de realizar as tarefas exigidas, possibilitando meios para que ele as realize de forma plena, acreditando na capacidade do aluno, demonstrando atenção às suas dificuldades, problemas e inseguranças.

**CONCLUSÃO**

Nesse artigo objetivou-se analisar aspectos do processo pedagógico que são experimentados especialmente por alunos e professores na transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, buscando compreender e esclarecer quais são os impactos pedagógicos mais significativos vivenciados por esses sujeitos envolvidos nesse processo de transição. Levando-se em conta que essa transição causa medo, ansiedade, incertezas, e transtornos que certamente influenciam no processo de ensino e aprendizagem desse aluno.

Verificamos que no 6°Ano, os procedimentos, objetivos, organização didática e relação professor e aluno, são completamente diferenciadas do 5° Ano. E, que essa transição embora por um lado represente *status* social na vida educacional desse aluno, por outro lado pode acarretar consequências nocivas ao ensino aprendizagem dos sujeitos envolvidos nessa mudança.

Certamente uma das maiores dificuldades para os alunos nessa fase, é a capacidade de organização necessária para lidar com o aumento do número de professores e dos conteúdos curriculares, dos deveres de casa e trabalhos e também com aumento na quantidade de matéria a ser estudada.

Constata-se que na transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, é muito perceptível a seguinte dualidade: os alunos não estão preparados para essas mudanças, e os professores e as escolas também não estão prontos para receber esses alunos. Como se não bastassem as novas exigências para os alunos, em um momento bastante conflituoso, já que as mudanças não são apenas de caráter didático-pedagógico, mas também biopsicossocial, os devidos cuidados didáticos-pedagógicos que os professores, o grupo gestor e a instituição escolar como um todo deveriam ter para com esse aluno, passa despercebido diante das muitas outras atribuições dentro do contexto escolar.

Ao ingressar no 6° Ano, esse aluno deixa de ser visto como criança por seus professores. Aqueles laços afetivos ficaram no passado e a partir de agora o que mais se valoriza é seu desempenho intelectual e manifestação da capacidade em administrar os novos desafios nessa empreitada escolar.

A escola precisa fazer a diferença na formação de seu aluno, procurando despertar a se mesma e a todos os envolvidos nesse processo, de modo a possibilitar a melhoria na qualidade da educação por meio de novas estratégias e metodologias.

Concluímos desejando que esse estudo de alguma forma contribua no fortalecimento das boas ideias e reflexões acerca da busca de uma educação de qualidade e transformadora. E, que o objetivo maior a ser focado, seja sempre o sujeito em contínuo processo de formação, o aluno.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. Cadernos de pesquisa, São Paulo, v. 77, p.53-61, maio 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1997.

BOSSA, N. A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em Ciências Sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DIAS DA SILVA, Maria Helena Galvão Frem. Passagem sem rito: as cinco séries e seus professores. Campinas. SP: Papirus, 1997.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CALVOSO, Genilda Garcia; GONZALEZ, Carlos Batista Lopes. Caminhos da pesquisa e contemporaneidade. Psicoligia, Reflexão e Crítica, 2002.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise do Conteúdo.** Brasília: Liber Livro, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 33ªed. São Paulo:.editora Paz e Terra S/A,1996

GUSMÃO, Bianca B. **Dificuldade de Aprendizagem: Um olhar crítico sobre os alunos de 5ª série.** 2001. 43f.Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade da Amazônia, 2001.

HAUSER,Suely D.R**. A Trasinção da 4ª para a 5ª série do Ensino Fundamental:** uma Revisão Bibliográfica 2007. 62 f. Dissertação ( Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

PINTO, Celeida Belchior Garcia Cintra. O processo de construção do conhecimento permeado pelas relações interpessoais professor-aluno. Disponível em: http//www.publicacoesacademicas.uniceub,br/índex.php/face/article/viewfile/47/95. Acesso em: 05 de nov. 2016

SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sanches (orgs.). **Pesquisa educacional:** quantidade e qualidade. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**.Florianópolis: LED, 2000. v.1.

WADSWORTH, Barry.J. **Inteligência e Afetividade da Criança**: na Teoria de Piaget. 5ª ed.São Paulo: Editora Pioneira,1997

1. Francisco de Assis da Costa. Pedagogo pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(UVA). Especialista no Ensino de Matemática pela Universidade Estadual do Ceará(UECE). Mestrando pela Anne Sullivan University. E-mail: assisdoquixere12@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)